

EL ARRASAMIENTO DE LA SUBJETIVIDAD:
DESVALIMIENTO Y PULSIÓN DE MUERTE

A DEVASTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE:
DESVALIMENTO E PULSÃO DE MORTE

THE RAZING OF SUBJECTIVITY:
HELPLESSNESS AND DEATH DRIVE

Liz Coronel Llacua
Asociación de Psicoterapia Psicoanalítica de Perú
Correo electrónico: lizcoronel.ll@gmail.com
ORCID: 0009-0004-0020-9151

Para citar este artículo / Para citar este artigo / To reference this article

Coronel Llacua L. (2023) El arrasamiento de la subjetividad: Desvalimiento y pulsión de muerte
Intercambio Psicoanalítico 14 (1), DOI: doi.org/10.60139/InterPsic/14.1.2/
Creative Commons Reconocimiento 4.0 Internacional (CC By 4.0)

O ARRASAMENTO DA SUBJETIVIDADE: DESEMPODERAMENTO E PULSÃO DE MORTE

Liz Coronel Llacua¹

¹ Candidata a psicanalista da
Asociación Psicoanalítica Argentina

Resumo: O autor questiona a obediência cega à autoridade: como e até que ponto é possível contrariar os próprios valores morais e se envolver em atos de crueldade apenas por obediência? Até que ponto a sociedade está exposta aos riscos do fascínio produzido por certos líderes? Quais são as bases sobre as quais podemos manter nosso próprio julgamento e a responsabilidade pessoal por nossas ações? Especificamente, o experimento da prisão de Stanford é levado para discutir situações de desamparo e a ativação da pulsão de morte que levam as pessoas a se anularem como sujeitos e a desencadear níveis impensáveis de violência.

Palavras - Chave: Desamparo, pulsão de morte, subjetividade. **Resumen:** La autora se pregunta por la cuestión de la obediencia ciega a la autoridad. ¿Cómo y hasta qué punto es posible contravenir los valores morales propios y ejercer actos de crueldad solo por obediencia? ¿En qué medida la sociedad está expuesta a los riesgos de la fascinación que producen ciertos líderes? ¿Cuáles son los fundamentos sobre los que podemos mantener un criterio propio y la responsabilidad personal por nuestros actos? Se toma específicamente el experimento de la cárcel de Stanford para discutir las situaciones relativas al desvalimiento y a la activación de la pulsión de muerte que llevan a las personas a anularse como sujetos y desencadenar niveles de violencia impensados.

Palabras clave: Desvalimiento, pulsión de muerte, subjetividad.

Abstract: The author wonders about the question of blind obedience to authority. How and to what extent is it possible to contravene one's own moral values and exercise acts of cruelty only out of obedience? To what extent is society exposed to the risks of the fascination produced by certain leaders? What are the foundations on which we can maintain our own judgment and personal responsibility for our actions? Specifically the Stanford prison experiment is taken to discuss situations related to helplessness and the activation of the death instinct

that lead people to nullify themselves as subjects and unleash unthinkable levels of violence.

Key words: Helplessness, death instinct, subjectivity.

Há golpes na vida tão duros... não sei!

César Vallejo

A base da moralidade é a experiência fundamental do bebê de ser autenticamente ele próprio

Donald Winnicott

Philip Zimbardo nasceu em 1933, filho de imigrantes sicilianos, cresceu num gueto de Nova Iorque, lembra-se que na sua infância foi constantemente discriminado, pensa que “se fores pobre numa cidade em qualquer parte do mundo, o mal está em toda parte. E o fracasso também: o teu pai não trabalha, a irmã do teu amigo é prostituta...” (Zimbardo, 2009), por isso diz que sempre acreditou no poder da situação para moldar as pessoas. Em 1971, financiado pela marinha americana, quis estudar os efeitos da atribuição de papéis de autoridade. Para o efeito, concebeu a “experiência” da prisão de Stanford e recrutou estudantes universitários da classe média, oferecendo-lhes um subsídio diário. De 70 candidatos, após entrevistas e testes psicológicos para excluir patologias, 24 foram escolhidos e divididos aleatoriamente entre prisioneiros e guardas.

Ao grupo de guardas foi dito que tinham sido escolhidos pelas suas qualidades particulares, foi-lhes mostrado o espaço e foi-lhes dito que aquela era a sua prisão, que a violência física era proibida mas que tinham de fazer o que considerassem necessário para manter a ordem e fazer com que os prisioneiros mostrem respeito. Foi-lhes dito que podiam provocar medo nos presos, uma noção de arbitrariedade, retirar-lhes a individualidade e levá-los à impotência. Foram-lhes fornecidos uniformes verdadeiros e óculos espelhados para evitarem o contacto visual.

Quanto ao grupo de prisioneiros, quiseram simular o mais possível as condições reais de detenção e prisão, pelo que, depois de assinarem o contrato, apenas receberam instruções para esperar até serem procurados. Sem aviso prévio, foram detidos por assalto à mão armada por polícias reais e levados para a prisão fictícia na cave da universidade. Aí foram examinados nus, pulverizados com desparasitante, receberam um roupão de musselina como única peça de vestuário, uma corrente foi colocada em seus tornozelos para lembrá-los de sua condição de opressão e foram identificados com um número que substituiu o seu nome. São dispostas em três, em três celas minúsculas. Utilizavam o corredor como pátio e era o único sítio onde podiam comer ou passear. Os guardas trabalham em três turnos.

A experiência estava prevista para durar duas semanas, mas teve de ser cancelada ao fim de seis dias, quando a namorada de Zimbardo, Christina Maslach, que tinha sido contratada porque um dos funcionários se tinha demitido, se opôs às condições deploráveis em que os prisioneiros estavam a ser mantidos. No entanto, a “experiência” já tinha fugido ao controlo no segundo dia, quando rebentou um motim e os guardas atacaram os prisioneiros com extintores de incêndio. Uma vez terminada

a revolta, tiraram-lhes as camas, despiram-nos e, para quebrar a solidariedade entre eles, estabeleceram condições privilegiadas para os que tinham estado menos envolvidos. A partir desse momento, os guardas sentiram que os prisioneiros eram perigosos e procuraram quebrá-los emocionalmente. O tratamento sádico e humilhante consistia em proibi-los de usar a casa de banho, impor-lhes exercícios físicos, negar-lhes a alimentação, despi-los, obrigá-los a dormir no chão, confiná-los num armário de 60 cm de lado, zombarias e intimidações.

Um dos prisioneiros teve um colapso emocional ao fim de 36 horas e, embora o tenham finalmente libertado, a equipa reteve-o durante mais algum tempo, pensando que ele estava a fingir por sua libertação. No quarto dia, foi permitida a visita de familiares, para o que manipularam a situação, higienizando o local, limpando os prisioneiros, alimentando-os até à saciedade e tocando música. Os guardas vigiam as conversas a todo o momento; nenhum prisioneiro ousou pedir a sua retirada. Quando um casal se queixou do aspeto exausto do filho, Zimbardo respondeu ridicularizando-os, será que o filho não era capaz de o tolerar? No mesmo dia, à tarde, perante o rumor de uma fuga, toda a prisão foi desmantelada e foram levados com as cabeças cobertas para outro local, mas nada aconteceu, pelo que reagiram com raiva e os guardas intensificaram a violência. No quinto dia, foi-lhes oferecida a liberdade condicional em troca de todo o seu salário, a maioria dos prisioneiros aceitou, mas quando o seu pedido foi rejeitado nenhum deles abandonou a “experiência”, um deles desenvolveu uma erupção cutânea psicossomática. Durante esses seis dias, dois sofreram traumatismos tão graves que tiveram de ser retirados e substituídos. O choro e pensamento desorganizado eram comuns entre os prisioneiros. Então, porque é que ninguém se apercebeu da anormalidade da crueldade e da violência geradas? Porque é que ninguém desistiu da “experiência” ou ousou denunciá-la?

Em *Psicologia das Massas e Análise do Ego* (1921), Freud indica que *“através das suas manipulações, o hipnotizador desperta no sujeito uma parte da sua herança arcaica [...] a representação de uma personalidade muito poderosa e perigosa, perante a qual só se podia adotar uma atitude passivo-masoquista e renunciar à própria vontade”* (p. 21). Neste caso, a hipnose não era necessária para despertar este efeito de submissão passivo-masoquista, a autoridade de Zimbardo, doutorado em psicologia e professor em Stanford, funcionava como hipnose?, a que se pode atribuir tal resignação da vontade, tal crueldade para com quem momentos antes era semelhante? ou não foi? A violência desencadeada por esta “experiência” é chocante, mas mais ainda a subjugação extrema dos participantes, como explicá-la senão como manifestação da pulsão de morte? Mas será que todos nós temos essa semente de crueldade e violência e estamos apenas contidos pelas leis determinadas pela cultura? Até que ponto conservamos esse sentimento de impotência que é constitutivo do bebé humano?

Freud (1933) recorda inúmeras vezes que o sentimento de desamparo persiste na idade adulta e está na base do sentimento religioso, ou da tendência para a idealização nos fenômenos de massa em que o condutor é considerado um substituto do pai protetor. Diz-nos que o adulto *"infere com razão que, no fundo, continua tão desamparado e desprotegido como na infância e que continua a ser uma criança perante o mundo. É por isso que, mesmo agora, não gosta de renunciar à proteção de que gozava em criança"* (p. 150-151). Assim, o homem precisa mais do que nunca do pai em estados que lembram o desamparo da infância, quer esse pai seja bondoso e afetuoso ou cruel, embora talvez no final seja cruel em todos os casos, é o que garantiria que eles estivessem seguros sob a sua proteção desde que mantivessem a obediência devida, a violência para com aquele que se exime dessa obediência reflectiria a raiva pela sujeição a que é forçado a submeter-se.

Mas será este um destino comum dos seres humanos, e estaremos sempre sujeitos aos ditames das diferentes visões do mundo dominantes? É certo que, enquanto membros de uma cultura, temos e construímos juízos, crenças e valores morais em função do tempo e do contexto em que vivemos, mas até que ponto podemos conservar uma certa liberdade e mobilidade de pensamento? De que depende a vinculação da agressividade, das pulsões de morte, do seu trabalho ao serviço de Eros? O que podemos compreender quando a encontramos como pulsão de destruição sem limites?

A questão do desamparo e a ativação descontrolada da pulsão de morte estão fortemente interligadas. É apenas com a ajuda do objeto suficientemente bom e através dos seus cuidados que podemos viver uma breve experiência de onipotência, que o mundo é como esperamos que seja, como o criamos, que podemos agir sobre ele de acordo com os nossos desejos; é apenas esta experiência constante, estabelecida como uma marca profunda, que nos permitirá libertarmo-nos do sentimento de desamparo. Será a base da esperança, que nos permitirá não nos afundarmos perante as vicissitudes de uma realidade hiper-poderosa, nem cedermos a discursos que procuram contradizer a nossa ética, como o de Zimbardo com os seus jovens estudantes.

Por seu lado, a dificuldade continuada do objeto em se adaptar ativamente às necessidades do bebé, a indiferença, a rejeição, provocam, segundo Green (2010), um excesso de raiva, de dor e de frustração, dando origem a estados psíquicos irrepresentáveis em que a não compreensão é implementada como defesa contra a dor. A falta continuada ou a ausência prolongada transformará o desprazer tolerável do bebé numa experiência de dor intolerável que destrói a capacidade de pensar e gera uma forte destrutividade. Talvez seja a isto que Hanna Arendt (1990) se referia quando apontava a banalidade do mal, a destruição que se gera sem intenção de prejudicar, apenas por se ter deixado de pensar e delegado esse trabalho a um superior, actuando ou deixando de atuar sem qualquer consciência de responsabilidade pessoal.

Continuando com Green, na ausência de resposta, instalar-se-á a negatização da experiência como vestígio, decretar-se-á a inexistência do objeto e procurar-se-á alívio na inexistência subjectiva, restando então apenas a *"ânsia de desaparecer, de ser arrastado para a morte e para o nada"* (Green 1990, p.24). É o desejo de não sentir, de obter o estado de calma e de repouso que se segue à satisfação, mas através da anulação de toda a esperança de satisfação, de todo o desejo, que ele chama a morte em vida. Este seria o verdadeiro sentido da pulsão de morte, para além da agressividade que seria apenas o efeito desta tendência ao desinvestimento ou do predomínio do que ele chama de função desobjectivante. Nesta linha, relaciona a ativação incontrolável de forças destrutivas, a desencarnação da pulsão com actos de violência e crueldade, na medida em que o outro é desobjectivado, perde o seu estatuto de semelhante com direito a uma alteridade e se torna uma coisa que causa sofrimento, que impede a realização de uma satisfação ou que ocupa um espaço próprio que não lhe pertence.

O que pensar, então, do transbordamento de violência gerado por estudantes aparentemente normais? Freud argumenta que, na sua origem, a consciência moral não é mais do que uma angústia social, um substituto para a angústia da perda do amor, e indica que, para a maior parte dos homens, quando as exigências da comunidade cedem, cessa também a sufocação dos impulsos hostis e eles cometem então actos de crueldade que teriam sido considerados incompatíveis com o seu nível cultural. Assim, esta situação, que não só lhes permitia exercer a violência, como a exigia, deu lugar ao aparecimento de inclinações agressivas não verdadeiramente transpostas pelas inclinações sociais, mas apenas contidas na medida em que geravam recompensas ou evitavam castigos.

Note-se, no entanto, que nem todos os guardas demonstravam grande sadismo, outros eram bastante obedientes e rígidos em relação à regra e outros ainda eram bondosos, sendo que um dos guardas se isolou dos seus companheiros devido à sua repulsa pela crueldade dos maus tratos - o que poderíamos interpretar, talvez, como uma verdadeira reforma da sua vida pulsional no sentido do que Freud refere sobre os pacifistas por razões orgânicas.

Green (2010, p. 297) permite-nos alargar o nosso entendimento, referindo que a pulsão de morte nem sempre está em estado ativo, por vezes são as circunstâncias que despertam um conflito *"que até então tinha podido encontrar soluções de compromisso, por vezes graças ao reforço de certas defesas, a deslocações ou a formas de obter prazeres capazes de aliviar as feridas do passado"*. Neste caso, as condições iniciais da *"experiência"* já obrigavam os guardas a exercer um elevado nível de violência contra os prisioneiros e, perante o motim, pediram ajuda a Zimbardo, que respondeu basicamente questionando o seu trabalho e a sua falta de autoridade; foram envergonhados pela sua fraqueza. A partir daí, sentiram os prisioneiros como perigosos, como a causa da sua agitação,

e por isso desencadearam de facto uma violência fora do comum, pro-puseram-se quebrá-los para evitar qualquer possibilidade de rebelião, já não eram pessoas, sujeitos de direito, mas elementos a reduzir.

¿O que levou Zimbardo a planejar, dirigir e ser o principal agente do desencadeamento da violência produzida na “experiência”? O que chama a atenção é a sua insistência em negar os impulsos hostis do ser humano, em afirmar o poder determinista da situação, a ponto de declarar num julgamento, por tortura nas prisões, que os guardas não eram responsáveis pelos crimes, mas que eles eram produto da situação. Não conhecemos muito da sua história, mas podemos seguramente afirmar que as situações abusivas que viveu na sua infância criaram as condições para uma tal descarga evacuatória. Para ele, estes estudantes voluntários passaram de pessoas com direitos a objectos a utilizar, pelo que, quando se gerou o rumor da fuga, se dirigiu à polícia municipal em busca de uma prisão mais segura que impedisse a cessação da “sua experiência”, da “sua prisão”, ficando muito zangado quando lhe foi recusada a transferência.

No entanto, é preciso notar também que, mesmo numa experiência tão enlouquecedora, a pulsão de vida, a reserva de esperança que é constituída por um cuidado suficientemente bom pode ajudar a resistir à devastação subjectiva. É o caso de dois dos prisioneiros. O primeiro foi Doug Korpi que, após 36 horas de confinamento, depois de ter liderado o motim que foi violentamente reprimido e depois de se ter reunido com Zimbardo e a sua equipa para exigir um tratamento mais justo, reagiu com um choro incontrolável, acessos de raiva, gritos, pedindo um médico e a equipa pensou que ele sofria de um distúrbio emocional agudo, foi finalmente libertado. Diríamos que Korpi lutou contra esta situação que tentava reduzi-lo a uma entidade sem vontade própria, para o des-subjectivar. O outro foi Clay Ramsay, um estudante que entrou para substituir Korpi e que, assim que entrou e se apercebeu das condições em que tudo se passava, iniciou uma greve de fome que persistiu apesar da pressão dos guardas. E, como salienta Alain Badiou (citado por Viñar, M. (2017), p. 16), *“o que há de propriamente humano em alguém destinado ao matadouro é a sua resistência quase insensata e quase impensável, que, através de um esforço inaudito, persiste obstinadamente em permanecer ele próprio e não se acomoda ao lugar atribuído à vítima”*.

A questão que permanece é a de saber porque é que, das mais de cinquenta pessoas que participaram ou sabiam da “experiência”, ninguém foi capaz de a denunciar ou de a confrontar, até à chegada de Christina Maslach, questão que se liga também à questão da obediência cega à autoridade encontrada na experiência de Milgram, em que todos os participantes, seguindo ordens, vieram aplicar o que pareciam choques eléctricos, cada vez mais intensos, a um ator até este deixar de dar sinais de vida e dois terços continuaram a aplicar a tensão até ao nível máximo. Eu poderia responder que é o arrasamento subjetivo constituído pela falta ou destruição de representações que impõe às pessoas a sujeição aos ditames da cultura ou o transbordamento pulsional. Assim,

a liberdade ou mobilidade do pensamento é salvaguardada com base numa reserva de esperança, numa capacidade de suportar um certo nível de angústia face ao desconhecido, numa tolerância à frustração que permita constituir aquilo que é desconcertante num enigma a ser pensado e a gerar representações, evitando assim cair nas soluções fáceis das visões totalitárias ou aderir rigidamente a diferentes visões do mundo ou ideologias.

Por último, devemos assinalar a responsabilidade e os riscos de uma sociedade que promove o sucesso, a eficiência, a realização de qualquer tipo, o desempenho e as notas no caso das crianças, a obediência, em suma, em detrimento do desenvolvimento do pensamento pessoal, da valorização do potencial de cada indivíduo, do reconhecimento e da valorização da diferença, em suma, dos princípios da humanidade.

Referências

- Arendt, H. (1990). Post Scriptum. En: Arendt, H. *Eichmann en Jerusalén. Un estudio acerca de la banalidad del mal*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
- Freud, S. (1921). Psicología de las masas y análisis del yo. *Obras Completas*. Volumen XVIII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (1979)
- Freud, S. (1933). 35ª Conferencia. En torno a una cosmovisión. *Obras completas*. Volumen XXII. Buenos Aires: Amorrortu Editores. (1979)
- Green, A. (1990). Introducción. In: Green, A. *De loucuras privadas*. Buenos Aires: Editora Amorrortu.
- Green, A. (2010). Morte em vida. In: Green, A. *Pensamento clínico*. Buenos Aires: Editora Amorrortu.
- Vallejo, C. (2018). Os arautos negros. Em Vallejo, C. *Poesia completa*. pág. 83
- Viñar, M. (2017). Terror político e exílio - de-exílio (suas marcas subjetivas). *Caliban: Revista Latino-Americana de Psicanálise*. Volume 15, nº 2.
- Winnicott, D. (1962). O desenvolvimento do senso de certo e errado na criança. *Psicopsi/BBC*, 11 de junho de 1962 [Fala de rádio]. http://www.psicopsi.com/el_desarrollo_del_sentido_de_lo_correcto_y_lo_incorrecto_en_el_nino_1962-asp/
- Zimbardo, P. (2009, novembro, 8). A ladeira escorregadia do mal. Entrevista com Philip Zimbardo. (E. Punset, entrevistador). [Vídeo]. Extraído de <https://www.youtube.com/watch?v=ilzeRaO2TUw>, último acesso: 10/06/2018.